ANO 13.° LISBOA — DOMINGO, 18 DE FEVEREIRO DE 1934 N.° 4045

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.°
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

UMA GRANDE FIGURA MUNDIAL

Morreu o rei Alberto da Belgica

vitima dum desastre, quando praticava alpinismo nas Ardennes

O rei dos Belgas
retrato de J. Leempoels

A morte do rei Alberto da Belgica, mesmo que não se tivesse dado nas circunstancias tragicas em que ocorreu, teria causado profunda impressão em todo o mundo, tal era o prestigio e a aura de popularidade que rodeava a figura deste monarca austero, simples, estudioso e democrata.

A circunstancia invulgar do rei ter sido vitima dum desastre vem aumentar ainda o sentimento de pezar causado pela sua morte.

O rei dos belgas, cuja vida é um alto exemplo de nobresa e de caracter, não apenas como soberano, mas até como cidadão, acabou tragicamente os seus dias, como um simples desportista, que deixa uma bela noite a sua casa de Bruxelas e se dirige de automovel para a montanha, em busca do ar puro das grandes altitudes e do espectaculo surpreendente da neve.

A sua popularidade ultrapassou as fronteiras da Belgica e irradiou por todo o mundo. Durante a guerra, a simples evocação do seu nome despertava um verdadeiro culto de admiração e de respeito.

Lisboa recebeu-o triunfalmente no Terreiro do Paço e aclamou-o á sua passagem pelas ruas, a caminho de Belem. Por mais duma vez, o rei dos belgas teve ensejo de manifestar a sua simpatia pelos portugueses. A nossa vizinhança em Africa mereceu-lhe sempre uma atenção especial, interessando-se vivamente pelos problemas que diziam respeito aos dois paises.

A sua morte não pode deixar de ser profundamente sentida em Portugal, que compartilha da dôr que neste momento oprime a Belgica, pela morte dum rei que não era apenas o chefe supremo da Nação, mas sim o cidadão exemplar, duma alta envergadura moral e dum prestigio que o tornaram querido do seu povo e admirado pelo mundo inteiro.

O retrato moral
do rei dos belgas

O retrato de Alberto I, o seu perfil energico, louro, de olhos flamengos, onde o azul intenso diz do seu alto idealismo, deve ter por fundo simbolico o cenario desmantelado duma trincheira da Grande Guerra. Então, sim, a figura ganha relêvo, impõe-se, não num heroismo teatral, de fanfarras e de bandeiras, mas nobre num desenho masculo, eloquente e decisivo. Mais do que rei, Alberto I era um homem, *todo um homem*, de qualidades excepcionais e exemplares. Não era como Guilherme II, um monarca faustoso, de amplo guarda-roupa, especie de Lohengrin de opera, de couraça platinada e refulgente.

Mas, essencialmente, um sabio, que se inspirava numa grande pureza de sentimentos, votado aos seus estudos cientificos — meditando, reflectindo, apagando-se como rei, até que um dia, com simplicidade, numa coragem sem alardes, envergou a sua farda de capitão, ei-lo defendendo, palmo a palmo, a terra da sua patria.

No momento em que as hordas teutonicas invadem a Belgica, o rei Alberto sóbe as escadas do Parlamento, ocupa a sua tribuna, e com a eloquencia comunicativa dos simples, em palavras que a historia arquivou proclama a defesa sagrada do territorio.

Cumprido o seu dever constitucional, despe os arminhos do manto real, para se votar ao duro oficio de soldado. Não quere ser general, nem chefe de exercito, mas apenas um vulgar soldado, que, em certa noite, ao parapeito, de carabina em punho faz foge sobre o inimigo, rechaçando-o e, de outra vez, regula o tiro duma bateria de artelharia, desmascarando as posições adversas. Fecham-se os palacios reais. Liege, num momento, assombra o mundo, pela sua resistencia heroica. Depois, os fortes caem desmantelados, fundidas as coberturas de aço e dizimados os peitos que os defendiam. Louvain, essa joia gotica, preciosa filigrana de alabastros flamejantes, é uma lavareda imensa, crepitando, iluminando, o mundo transido de horror e de espanto. Entre as ruinas calcinadas da cidade, que se convertera numa cratera, ficam, apenas, não se sabe como, milagrosamente intactos, os braços de alguns cruzeiros. E' então a retirada imorredoura ante a onda de sangue, ferro e aço, inundando esse país delicado de aguarela, tão tamanino e gracioso como um lenço de rendas.

E, sempre, sempre, pelas estradas, o desfile sombrio, pesado, compacto, cinzento, avassalador dos exercitos germanicos, entre ruinas de beleza, catedrais, cidades, pontes, diques, aldeias, sinistramente iluminadas pelo incendio, o sangue e a carnagem. Alberto I já não tem patria. E' apenas o conductor espiritual dum povo en fuga desordenada, e dum exercito, pequenino e bravo, que se bate até a ultima gota do seu sangue. Podia capitular! Não quis!

A honra da sua espada nunca se maculou duma deshonra, nem nunca deixou de cintilar, de resplandecer, de vibrar, á frente das suas tropas. Apenas, junto ao mar do norte, uma praia fica livre. E' Ostende. Esses dois quilometros de areias são agora a Belgica, cuja carne esfacelada sangra por milhares de feridas, humanizada de sofrimento e de dôr. E' então que a rainha Izabel, acompanhada por Verharen, o poeta nacional, das *Cidades Tentaculares,* vai ali um dia, ao anoitecer—crepusculo fisico da natureza, crepusculo espiritual das almas—rezar pela sua patria defunta. Tê-la-ia Deus ouvido? A Belgica, o Cristo das Nações, como lhe chamou alguem, para dar com eloquencia a visão imensa do seu martirio, já não é defendida por forças materiais. Apenas pela consciencia e pela lealdade, pelo sacrificio e pela coragem indomita do rei, bandeira viva, dos exercitos em derrocada.

E' ele o ultimo na retirada e o primeiro em combate. Os limites da patria são o coração de cada soldado. A humanidade assiste a essa luta desigual. O direito contra a força, temperado nas mais lidimas fontes dum patriotismo sagrado. O rei Alberto entra então vivo na historia. A sua estatua é o seu corpo. Mas os seus atributos não são a corôa, nem o setro, constelados de pedrarias, e multi-seculares, mas o seu *casque* de soldado, amolgado e enegrecido de polvora, o seu capote de campanha, esburacado pelas balas, o seu peito inexpugnavel como as rochas, no qual palpita, com o murmurio e a limpidez dum veio de agua, um coração doce, tranquilo, de sangue generoso, que luta sempre, mesmo quando o desanimo, a tristeza, a traição ou as privações vencem os outros.

Em 1918 sôa a hora da vitoria. O triangulo belga é reconquistado. E, durante anos, á custa do esforço titanico do povo, a pequena nação flamenga e valona ergue-se das suas ruinas. Searas de pão e searas de mortos! Por toda a parte o trabalho. Feridas que se saram. Catedrais que se reedificam.

E o rei? Esse homem imortal pela sua nobresa e heroismo regressa á simplicidade da sua vida, entre o doce intimismo do seu lar e o seu silencioso e vetusto gabinete de trabalho. Volta de novo á sua vocação de estudioso, aos livros de ciencia e de arte cuja leitura por vezes suspende, para intervir, e sempre com acerto, na politica do seu país. Nem uma palavra de rancôr para os vencidos, nem uma palavra de orgulho para a sua acção. Pouco ou nada o preocupa a pragmatica da côrte. Como rei, acentuamos, foi sempre um homem, de espirito aberto a todas as ideias, progressivo na politica, e sem veleidades de poder pessoal. Estatura admiravel, muito miope e timido, falando pouco, e sempre num tom de intimidade, ele apagava-se voluntariamente, onde quer que estivesse. Na sua voz, levemente rouca, não havia inflexões do mando, nem nos seus gestos, um pouco *gauches,* os gestos imperiosos que ordenam. Gostava de conversar com os poetas, os artistas, os escritores, os engenheiros e os operarios, suprimindo, sem esforço, as distancias. Ouvia todos, discutindo ou aceitando os principios mais audaciosos, sem que o rei transparecesse num jogo livre e franco de opiniões. Com ele apaga-se uma grande consciencia, sem altivez, mas direita, nobre, forte—e, sobretudo, magnifica de sereno equilibrio. Sem o tragico sacrificio que ele impôs ao seu país, a França teria ficado derrotada, e com ela perder-se-iam as forças epirituais e morais que andaram empenhadas na contenda.

Sobre o seu corpo de soldado devem inclinar-se as bandeiras de todas as nações que, pela causa do Direito e da Justiça, combateram na Grande Guerra, até a vitoria.

A nossa tambem, que lá andou, bem perto do seu peito, onde havia ainda alguma coisa de português.

A biografia do rei

Alberto Leopoldo Clemente Maria —nome de baptismo do soberano falecido—pertencia á casa Saxe-Coburgo-Gotha.

Nasceu em 8 de abril de 1875, e contava, por consequencia, 59 anos.

Era filho do conde da Flandres, Filipe, duque de Saxe, principe de Saxe-Coburgo-Gotha, e tambem principe da Belgica, como herdeiro presuntivo de seu irmão Leopoldo II, o grande rei dos belgas. Sua mãi foi a princesa Maria de Hohenzollern-Sigmaringen (ascendente do tronco a que pertence D. Vitoria de Sigmanringen Bragança, viuva de D. Manuel II, de Portugal), e era neto de D. Antonia de Bragança, filha da rainha de Portugal, D. Maria II, e bisneto do rei da França, Luiz Filipe, da casa de Orleans.

Era, pois, filho segundo, de um irmão do rei. Destinava-se ás armas e não á politica. Foi soldado por nascimento, e essa caracteristica prevaleceu sempre nele. Seu irmão, Balduino, morreu. Alberto passou a ser o principe herdeiro. Depois de fazer os seus estudos na Escola Militar, e de ser promovido a oficial de artelharia, começou a estudar o «duro oficio» de rei. Profundou jurisprudencia e sociologia, viajou, coordenou lições, frequentou Institutos, tornou-se austero com as lições do professor Solvay; como os antigos reis se dedicavam a monteirar, Alberto Leopoldo dedicou-se ao alpinismo, adquirindo força moral e fisica. E foi o alpinismo que o matou...

A 2 de outubro de 1900 casou com sua prima a duquesa Izabel da Baviera, Maria José, neta de D. Miguel de Bragança.

Os filhos do principe Alberto seriam, por consequencia, e por dupla linha materna e paterna, parentes proximos da casa de Bragança.

Um dos factos mais interessantes— e definitivos para uma preparação reinante—do futuro rei foi a sua viagem ao Congo, no objectivo inteligente de conhecer de perto os territorios que Leopoldo II, seu tio, alcançára. Voltando á patria, tão grande foi a recepção, que logo se sentiu nele o rei futuro.

Por morte do rei Leopoldo II, em 17 de dezembro de 1909, Alberto su-

(Ver continuação na pagina central)

O DIA DESPORTIVO EM LISBOA E NA PROVINCIA

O Belenenses, o Carcavelinhos e o Sporting

venceram, respectivamente, o União, o Chelas e o Casa Pia

Prosseguiu hoje o campeonato de «football» de Lisboa, com três desafios, sem grande relevo. O publico não deixou de comparecer ao seu desporto favorito. O Benfica, tendo declarado á Associação que não comparecia hoje no jogo oficial, foi de alongada até Coimbra, disputando um jogo muito concorrido.

O Belenenses venceu o União por 2 a 1

Nas Salesias, perante uma assistencia regular, realizou-se hoje o encontro de «football» entre o Belenenses e o União, sem duvida, o melhor encontro desta tarde.

Os grupos alinharam como segue:

União — Americo Figueiredo; Almeida e Viriato; Manuel da Silva II, Jaime Rodrigues e Manuel da Silva I; Antonio Pinto, Henrique Ventura, Armando Silva, Benjamim e Gilberto Faria.

Belenenses — Reis; Simões e Almeida; Rodrigues Alves, Augusto Silva e Cesar; Alfredo Ramos, João de Oliveira, Custodio de Sousa, Bernardo e José Luiz.

Arbitro — Moisés da Cruz.

O seleccionador nacional, Ribeiro dos Reis, assiste ao jogo.

A constituição dos grupos, sem alguns dos melhores elementos, é de molde a profetizar-se uma partida pouco animada.

Tudo indica que é das linhas dos médios que vai sair o resultado do encontro. Se assim fôr (e quem sabe?), o Belenenses não pode perder o desafio...

O Belenenses, no primeiro quarto de hora, exerce dominio, atacando de preferencia pelo lado esquerdo, onde se destaca o bom trabalho de Bernardo.

Uma grande recarga de Augusto Silva, que o poste defende, provoca aplausos da assistencia,

A caracteristica do jogo é vagorosa, escasseando as fases de merecimento. A linha média do União é passada com facilidade, mas a defesa salva as ocasiões de perigo.

O trio central do Belenenses não suporta o choque com a defesa adversaria e deixa por concluir alguns ataque de boa organização.

O Belenenses retrai-se, permitindo acentuado «crescendo» de jogo dos homens de Santo Amaro.

Enfim, os «azues» marcaram. Aos 22 minutos, um «falhanço» de Viriato permite que a bola vá a Alfredo Ramos; este, corre um pouco e «shoota» com força, ao canto direito, fazendo ponto.

O União acusa o toque, e logo a seguir José Luiz perde um «goal» certo, rematando tôrto um centro de Ramos. O Belenenses joga á vontade, quasi só encontrando a resistencia de Viriato e do guarda-rêdes.

Oferece-se uma ocasião ao União; porém, Reis consegue evitar o remate de Armando Silva.

Numa avançada do União, Almeida desvia com o braço, um centro do extremo direito. O arbitro não assinala a grande penalidade.

Na resposta do Belenenses, o arbitro marca uma grande penalidade contra o União, por carga violenta dum defesa. Os unionistas protestam contra esta decisão e chegam a empurrar o arbitro... Este não se faz respeitar e resolve abandonar o terreno. Por via disso, ha um grande compasso de espera, que serve para o publico discutir, e por fim feitas algumas «démarches» de ambos os clubes, Moisés da Cruz regressa ao campo.

O «penalty» é marcado por Bernardo e dá o segundo ponto ao Belenenses.

A primeira parte termina com o Belenenses a ganhar por 2 a 0.

Asegunda parte

O União joga animosamente na segunda parte, parecendo disposto a modificar o resultado. O extremo esquerdo perde uma boa oportunidade, e, logo a seguir, Armando Silva, com dois bons remates, obriga Reis a trabalhar com dificuldade.

O desafio tem feição de equilibrio, estando o União a fazer uma exibição superior á do 1.º tempo. Aos 10 minutos, Benjamim aproveita um lançamento lateral, para fazer um centro com boa direcção: Ventura remata e faz o primeiro «goal» do União.

Este «goal» tem o condão de despertar o Belenenses, e, por momentos, o jogo desenrola-se no meio campo do União.

Dentro em pouco, porém, o desafio volta á toada de equilibrio.

No Belenenses, José Luiz passa para avançado centro, Alfredo Ramos para a esquerda e Sousa para a ponta direita.

O União está jogando ligeiramente melhor que o Belenenses, pois a avançada dos «azues» não se entende.

O arbitro corta, sem motivo, um perigoso ataque belenense. A' entrada do quarto de hora final, o Belenenses inicia um ataque vigoroso, a que o União responde da mesma forma. Porém, o tempo passa, com alguns ataques perigosos, mas sem o resultado sofrer modificações.

O resultado pode considerar-se certo, ainda que o empate não fosse injusto. Dentro da mediocridade que foi o jogo é inegavel que o Belenenses demonstrou ligeira superioridade.

O desafio não teve entusiasmo, raras vezes se notando uma fase de relevo.

Os melhores do Belenenses foram Reis, Simões, Rodrigues Alves e Bernardo, no primeiro tempo.

No União, Americo Figueiredo, Viriato, Jaime Rodrigues e Benjamim.

Arbitragem, fraca e pouco autoritaria.

O Carcavelinhos venceu o Chelas por 6 a 0

No campo da Tapadinha, o Carcavelinhos defrontou o Chelas, perante uma assistencia acentuadamente reduzida.

Os dois grupos alinharam como segue:

Carcavelinhos: Francisco Lopes; Justo Pinho e Alexandre de Almeida; Marques Pereira, Manuel Rita e Gaspar Pinto; Americo Valente, Antonio Esteves, Quirino de Oliveira e Silva e Alvaro de Sousa.

Chelas: Laurentino Santos; Cunha I e Pires; S. Almeida, Americo Santos e Braz; Salomé, Porta, Cunha II, Guedes Gonçalves e Nunes.

O Chelas apresenta-se a jogar com 10 homens. A primeira avançada é de perigo para as redes do Chelas, mas Pereira, na recarga, atira por alto. O Carcavelinhos interna-se no campo do adversario e exerce dominio acentuado. A bola ronda por vezes as redes dos verde-brancos. Numa delas, Quirino, perde, com infelicidade, o ensejo de abrir o activo. Seguidamente, o Chelas faz um ataque bem conduzido pelo extremo direito, mas a bola perde-se na defesa alcantarense.

A 8 minutos do meio do encontro o Chelas completa a sua linha. Não se altera, no entanto, o ritmo do jogo. O desafio prossegue, mesmo, com vantagem para o Carcavelinhos, até que, ao findar o primeiro quarto de hora, Oliveira e Silva obtem o 1.º «goal» dos alcantarenses, após uma série de passes entre os jogadores do trio central.

O Chelas joga com entusiasmo, em todos os compartimentos. A sua defesa inutiliza muitos ataques dos adversarios. Aos 30 minutos, o Carcavelinhos confirma a vitoria: Americo Valente tem um centro e a bola vai cair aos pés de Quirino, que a passa a Oliveira e Silva. O meia-esquerda alcantarense não demora e atira, a contar. Um minuto mais tarde, cabe a Americo elevar o «score» para 3-0, numa jogada em que tambem colaboram Gaspar Pinto e Antonio Esteves.

O Chelas acusa, nitidamente, os três «goals». Chega, mesmo, a desbaratar-se, perante uma série de passes desconcertantes, por parte do ataque alcantarense. Momentos depois, surge o quarto ponto. A bola parte dos pés de Alvaro de Sousa, e Americo Valente, de cabeça, faz o «goal».

Ambos os grupos estão jogando com grande correcção. A «équipe» chelense ressente-se da falta de conjunto. O Carcavelinhos actua com boa ligação, ainda que os seus avançados não tenham sido felizes na conclusão de algumas jogadas.

A segunda parte

No segundo tempo, ha a mesma toada do jogo. O Chelas coloca alguns ataques. Aos 8 minutos, beneficia de marcação dum livre, quasi em cima do meio da grande area. O interior direito marca o castigo mas a bola passa a muita distancia da ponta esquerda. Perdida a melhor oportunidade que os verde-brancos tiveram para abrir o seu activo o Carcavelinhos volta de novo á carga. Um canto bem marcado por Alvaro de Sousa foi cortado, com acerto, por Laurentino. O perigo passa, entretanto.

Gaspar Pinto distingue-se pela forma como serve a linha da frente. Essa circunstancia faz parar o trabalho sobre os dois defesas chelenses. O seu labor tem muito de exaustivo e constitui barreira que é dificil transpôr. Apenas aos 18 minutos é que o Carcavelinhos pode fazer o seu quinto «goal», num pontapé largo, de Rita. A bola faz tabela no poste e entra.

O jogo decai, por parte do Chelas. A «équipe» acusa cansaço. A sua resistencia é ainda valorosa mas torna-se menos eficaz. O sexto ponto alcantarense ressurge, deste modo, com absoluta naturalidade. Marca-o Oliveira e Silva, numa jogada por ele delineada e concluida.

Nos ultimos seis minutos, o jogo volta a animar. Um grande remate de Quirino é bem defendido por Laurentino, com valentia. E o resultado chega, sem mais nenhum «goal».

Entre os jogadores alcantarenses, destacaram-se Oliveira e Silva, Rita e Gaspar Pinto. O trabalho da «équipe», no conjunto, foi bom. No grupo vencido, merece registo o trio defensivo, pelo esforço desenvolvido. Aos dois defesas deve o Chelas não ter sofrido derrota mais elevada.

A arbitragem, de Nuno Freitas, boa.

O Sporting venceu o Casa Pia por 3 a 0

No Campo Grande, defrontaram-se Sporting e Casa Pia, com uma assistencia regular.

Os grupos alinharam como segue:

Casa Pia — Fidalgo; Fernandes e Conceição; Feitor, Anibal e Petinga; Moura (2.as), Simão Diogo, Daniel, Manuel dos Santos e Guilherme Soares.

Sporting — Dyson; Jurado e Serrano; Abelinha, Rui e Faustino; José Pires, Belo, Estrela, Mourão e Jenny.

Arbitro — Americo Lopes.

A primeira parte terminou com o resultado de 1-0 a favor do Sporting. Os verdes» iniciam o ataque, mas a jogada é cortada por um «livre». Na jogada seguinte, o Casa Pia esteve prestes a obter um «goal», depois da marcação, por Heitor, dum «free», perto da grande area.

Passado o perigo, o Sporting avança de novo e, pouco depois, uma carga á margem das leis, de Fernandes sobre Mourão, dentro da grande area, dá, com a marcação da penalidade maxima, o primeiro «goal» do Sporting neste tempo, apontado por Jenny.

Dyson tem ainda uma grande defesa, arrebatando a bola, com um belo salto de recurso, a dois avançados contrarios. Pouco a pouco, porém, os «leões» vão impondo a sua melhor classe, descendo com frequencia ao camp adversario.

A acção de Fidalgo, em tarde de boa inspiração, e a energia generosamente dispendida por Fernandes, constituem uma barreira, onde se desfazem os melhores ataques sportinguistas.

Com o declinar deste primeiro tempo, o jogo volta a certa feição de maior equilibrio, sem que, contudo, a linha atacante casapiana, visivelmente desligada, consiga pôr em perigo as rêdes leoninas.

Do Sporting, Dyson, nas poucas defesas efectuadas, e Serrano, têm-se distinguido, assim como a linha média e a asa esquerda do ataque. No Casa Pia, Fidalgo e Fernandes — brilhantes.

Feitor tem sido o melhor médio. No ataque evidencia-se Simões Diogo e, por vezes, Daniel.

O Sporting marcou no segundo tempo mais duas bolas—e cimentou a sua vitoria, colocando o resultado em 3-0.

Os «goals» foram marcados: um aos vinte minutos, por Belo, aproveitando bem um centro de Jenny; o outro, á meia hora, saido dum passe adiantado do mesmo jogador hungaro.

Durante este tempo o Sporting dominou ininterruptamente, não tendo realizado maior «score», umas vezes por inepcia de Estrela e Belo, que jogaram detestavelmente, outras vezes pela boa actuação da defesa casapiana.

Football em Coimbra

O Benfica empatou com a Academica por 2 a 2

COIMBRA, 18. (Pelo telefone). — O jogo do Benfica atraiu ao campo uma grande assistencia. O desafio começou as 15 e 30.

No primeiro tempo, o Benfica exerceu dominio, se não acentuado, pelo menos, de molde a dar-lhe superioridade. Os «vermelhos», ao fim deste tempo, ganhavam por 2-1.

O primeiro goal foi marcado, aos 16 minutos por Salvador. Esse mesmo jogador, aos 31 minutos, realizou o segundo ponto.

A Academica, longe de desanimar, iniciou uma série de ataques que puzeram em perigo a defesa vermelha. Aos 35 minutos, Pimenta, da Academica, conseguiu um ponto. E, para o cair do tempo, o jogo adquiriu maior entusiasmo e vibração. Apesar disso, até ao final da primeira parte, o resultado de 2 a 1 manteve-se inalteravel.

Na segunda parte, o Benfica continuou a dominar, prejudicando-se com os remates a distancia.

Num livre marcado contra o Benfica, perto da grande area, por Ruy, houve perigo para os vermelhos, mas a bola foi fora.

Depois, Ruy de cabeça, marca o segundo ponto. E ainda que, até ao fim do jogo, se tenham registado algumas jogadas interessantes, o empate mantem-se.

Os grupos alinharam:

Benfica — Amaro; Gustavo e João de Oliveira; Albino, Cardoso, Pina, Pedro Silva, Xavier, Vitor, Rogerio e Salvador.

Associação Academica — Abreu; Cristovão e Veiga Pinto; Tera, Albano e Camarate; Portugal, Madeira, Ruy, Isabelinha e Mario Cunha.

No Benfica, brilhou Xavier e Alvaro Pina. Na Academica, Ruy Cunha, Cristovão e Abreu. Gabriel da Fonseca arbitrou deficientemente.

O dia desportivo no Porto

PORTO, 18. (Pelo telefone).—Para o campeonato oficial o Salgueiros derrotou o Progresso por 5 a 0.

Em handball, o Porto venceu o Nautica e o Fontainhas venceu o Academico por falta de comparencia.

O «crosse» de abertura, realizado esta tarde, despertou interesse. Classificação individual: 1.º, Mario José (S. C. P.), em 19' 43'' e 2|5; 2.º Albano Coutinho (Nunalvares); 3.º, Antonio Carvalho (Nunalvares); 4.º, Americo Azevedo (S. C. P.); 5.º, Joaquim Pinto (Nunalvares); 6.º, Abilio Soares.

Por «équipes» ganhou o Nunalvares com 17 pontos.

«Cross-country»

A vitoria de Joaquim Correia

Nos terrenos do Jockey, e com bastante afluencia de publico, disputou-se, esta tarde, o «cross» popular da Associação de Atletismo de Lisboa. Na corrida, tomaram parte 90 concorrentes e foi movimentada a luta que entre eles se travou.

A classificação dos primeiros dez corredores, foi:

1.º Joaquim Correia (Sporting Club de Alverca), 10 m. 6 s.; 2.º Alberto Sa Matos, 10 m. 50 s.; 3.º Eduardo Faria (U. C. Rio de Janeiro); 4.º Henrique Santos; 5.º João de Almeida; 6.º Antonio de Souza; 7.º Jaime Pires; 8.º João da Fonseca; 9.º Henrique Paiva; 10.º José Rebelo.

Augusto da Silva, que entrou em 3.º lugar foi desclassificado, por já ter representado um club com filiação.

Banquete

Realizou-se no Restaurant Tavares um jantar de homenagem oferecido pelos empregados do Banco Espirito Santo ao seu novo director sr. Rogerio Silva.

HOJE Baile da "Pinhata" NO Grande Café Nacional
Concurso de Manteaux RESERVAM-SE MESAS

DIVIDA EXTERNA BRAZILEIRA
Para colher a assinatura dos interessados está, nos escritorios da IPSOFI
Rua de S. Julião, n.º 144 — LISBOA
até ao dia 22 do corrente, inclusivé, a representação, dirigida ao Governo Brazileiro, por unanimidade votada pela assemblea de portadores de titulos, realisada na 6.ª feira 16 do corrente, nas salas da Associação Comercial de Lisboa.

QUER 400 CONTOS? jogue na CASA NOVA
de Guerreiro Matias & Caiado, Lda.
Rua Augusta, 40 — Telefone 2 8100
Bilhetes a 170$00 — Quintos a 34$00
Meios a 85$00 — Decimos a 17$00
Pelo correio mais $80 para portes

Antonio Alçada Padez
Advogado
participa aos seus amigos e clientes que mudou o seu escritorio para a Rua Nova da Trindade n.º 9, 2.º — Telefone 2 1625.

A Cidade

Para **Calos e Durezas** uma só aplicação de
CALICIDA MARTHANO
emplastro de fama mundial
Deposito geral: LUSC-MERCANTIL
R. Garrett, 74, 2.º dir. — Telef. 24549

Factos e Comentarios

A SEMANA POLITICA

Os jornais publicaram hoje a seguinte nota oficiosa:

«O governo, que vem estudando desde ha tempos, sob todos os seus aspectos, as soluções a dar ao problema do desemprego nos centros conserveiros, ultimou, ontem, numa reunião no ministerio das Obras Publicas, a que assistiram o ministro da respectiva pasta, ministro do Comercio e Industria, governador civil de Setubal e os srs. Mariano Augusto Coelho e Faustino Currito, delegados dos industriais de Setubal, as medidas a aplicar naquele centro fabril.

Pouco depois de terminar a reunião, o governo foi surpreendido com a noticia duma perturbação da ordem publica naquela laboriosa cidade.

Cêrca das 16 horas, alguns agitadores que só procuram a desordem para melhor conseguirem os seus fins de indisciplina social e que, porventura, já estavam informados da solução encontrada, amotinaram algumas dezenas de operarios. Deste modo pretendiam dar a impressão de que as medidas tomadas surgiriam como uma resultante da sua atitude.

Encaminhando-se tumultuosamente para a séde da delegação do Consorcio Português de Conservas, tentaram invadi-la. A Policia pretendeu evitar o assalto, usando de todos os meios suasorios. Em resposta, os amotinados atacaram-na violentamente á pedrada, tendo ferido dois guardas. Perante estas violencias a força publica fez descargas para o ar que não modificaram a atitude agressiva dos discolos, vendo-se, então, obrigada a defender-se energicamente. Resultaram desta colisão um morto e alguns feridos.

O ordem está completamente assegurada em toda a cidade.

O governador civil de Setubal ficou encarregado de determinar a oportunidade da abertura das fabricas para o efeito de dar trabalho, nas condições já previstas, de proceder, prèviamente, a um rigoroso inquerito aos acontecimentos.

O sr. governador civil de Setubal conferenciou com o sr. ministro do Interior, sobre assuntos que se prendem com a crise de trabalho naquele distrito».

★ ★ ★

A folha oficial publicou o decreto, a que a Imprensa se referiu, sobre a conversão facultativa do Fundo Consolidado de 6 e meio por cento (ouro) emitido em março de 1927.

★ ★ ★

Por intermedio do sr. ministro da Justiça acabam de filiar-se na U. N. os srs. Roberto Augusto Pinto, presidente da Associação Comercial; dr. Antonio de Carvalho Borges, importante proprietario; dr. Julio Vasques, director do jornal «Duriense»; dr. Costa Pinto, advogado, e Antonio Pereira do Espirito Santo, morgado do Vale da Regua, todos do distrito de Vila Real; e os srs. Antonio Vaz de Macedo e Anibal Alçada, medicos e proprietarios na Covilhã.

★ ★ ★

Na sua conferencia, realizada ontem, o sub-secretario de estado das Corporações, sr. dr. Teotonio Pereira, afirmou:

«Compreende-se a viabilidade da intervenção directa e energica do Estado nos grandes ramos da nossa actividade economica ou relativamente aos produtos que estão na base dos interesses gerais que o mesmo é dizer — dos interesses de todos. Foi o caso do vinho do Porto, dos vinhos comuns, dos trigos, das conservas. Será breve, certamente, o da industria de lanificios e outros se seguirão. Mas é evidente que por muito longe que o Estado quisesse levar a sua intervenção (e não esqueçamos que se pretende insuflar uma consciencia nova e não dominar ou absorver) numerosissimos seriam os sectores que ficariam sempre por organizar. Em virtude de todas estas razões se relegou para uma segunda fase da organização corporativa o enquadramento geral das entidades patronais e se consentiu ás suas associações de classe um regime transitorio que muitos não compreenderam. Vão agora publicar-se as bases genericas para a organização das actividades de natureza comercial. Seguir-se-ão as das industrias e finalmente as da agricultura — talvez as mais dificeis de determinar. Procedendo assim, o governo, fiel ao seu processo de realização, põe de lado toda a geometria e todo o empirismo das formulas e procura encontrar no proprio terreno dos factos os pontos de apoio para a deferenciação natural dos diversos organismos, respeitando as indicações de tradição e aproveitando entre as colectividades já existentes aquelas que representem um valor positivo a integrar na organização corporativa da nação. Teremos então, no comercio, na industria e na agricultura, as normas de organização em base facultativa conformes com os principios fundamentais do Estatuto do Trabalho Nacional.

O velho decreto de 91 regulador das associações de classe e que até ha pouco era regra universal para todas as nossas colectividades de defesa de interesses economicos e sociais, ficará assim substituido por um regime juridico incomparavelmente mais completo, no dominio do trabalho e das profissões, os Sindicatos Nacionais, tendo na base as Casas do Povo; num plano simetrico as entidades patronais, organizadas segundo os principios genericos que vão ser agora publicados, ou enquadrados em Gremios pela intervenção directa do Estado quando assim o impuser o interesse geral.

E' de prever que a organização dos varios sectores da vida economica nacional — mesmo em base facultativa — se produza com uma intensidade que muitos não julgariam possivel no estado de dissociação a que chegámos. Mas é preciso não esquecer que, quer o exemplo salutar dos Gremios e dos organismos de coordenação economica criados, segundo os novos principios, quer a pressão que vão receber dos Sindicatos Nacionais, hão-de ser estimulos que imporão ás entidades patronais o espirito de disciplina e de colaboração que até agora têm recusado.

O capital sabe em que lei deve viver e quais as garantias que lhe dá um Estado forte e consciente da sua missão. Sabe tambem o que simultaneamente se lhe exige para que o dia de amanhã seja de paz e não de guerra, mercê duma ordem de coisas mais perfeita e mais justa que nos defenda dos erros do passado».

★ ★ ★

Sobre a organização corporativa diz, em fundo, o «Diario de Noticias»:

«Vejamos o que oferece ao operario português e aos seus organismos sindicais o novo regime corporativo.

Em primeiro lugar, a superior elevação desses organismos á categoria de associações de interesse publico, que eles nunca tiveram. Garante-lhes igualmente a função de colaboradores na vida politico-constitucional da Nação, mediante representações idoneas e directas nos corpos consultivos e nas assembleias legislativas do Estado. Alguma vez tiveram ou fruiram os operarios portugueses estes poderes e direitos? Nunca, até hoje.

Em segundo lugar, dá o regime corporativo aos novos Sindicatos Nacionais as garantias dos contratos colectivos de trabalho, definidos no Estatuto do Trabalho Nacional como instituto juridico. Alguma vez foi isto feito em leis portuguesas até hoje? Não. O decreto de 1924 é a este respeito, além de uma deploravel deficiencia doutrinal, uma pura fraude na pratica.

Em terceiro lugar, o Estado Corporativo garante aos Sindicatos Nacionais todas as instituições de assistencia e previdencia social.

O contraste entre os programas revolucionarios de uma destruição anarquica e as realizações já efectivas e construidas pelo Estado no actual regime constitucional é portanto eloquente.

E nele reside a mais viva e flagrante lição dos tristes acontecimentos revolucionarios ao bom senso dos operarios portugueses e a todas as pessoas que ainda não compreenderam o significado das reformas instauradas pelo poder publico, supondo que se trata apenas de um frenesi de renovações apressadas, quando, de facto, é um novo Portugal, uma nova Nação que estão a elaborar-se».

★ ★ ★

O mesmo jornal diz hoje, referindo-se á actividade regionalista:

«Cada uma das regiões provinciais portuguesas tem uma expressão geológica, geografica e economica proprias, que definem a sua orla e a sua personalidade na corporatura total da Nação.

E' reparar na transformação industrial e agricola de cada uma delas e essa expressão caracterizadora logo aparece: — na criação de largas e intensas iniciativas industriais e de ricas explorações das culturas agricolas; no aproveitamento dos potenciais electricos e hidraulicos; no aumento das rêdes de comunicação; nos fluxos de emigração; nas riquezas exploradas do sub-solo; na definição de cada vez maior dos *hinterlands* em relação com os nossos grandes portos comerciais.

E' todo o patrimonio nacional, no seu melhor recheio, bem á vista.

O Estado deve intervir desde já na coordenação de todos estes valores, quer, como está começando a fazer, pela organização inter-corporativa deles segundo as suas categorias, quer instalando os grandes inqueritos, como base regional, á vida social e economica das regiões.

Assim, o regionalismo será de facto, como método de acção construtiva e como processo de cultura, uma das formas e formulas mais impressivas da Nação renovada. O regresso á Terra originaria será de facto, para os portugueses, um regresso á Patria dentro da Patria!

O berço comum recordará o amor e a união de todos *a prol do comum*, como diziam os velhos portugueses, tão ciosos de seus direitos e franquias.

Ao contrario do que afirmam os venenosos cultores das divisões, dos dissidios e das represalias fratricidas — ha ainda em Portugal um terreno onde todos os portugueses se entendem com dignidade, sem diminuições e sem quebras de caracter e crenças. E' esse, da devoção insistente á Terra-mãi, edificando nela a grandeza da Nação, que depende do florescimento das suas provincias.

O que falta é chamá-los para essa obra que lhes fala tanto ás vozes do sangue como do espirito, tanto aos amores do coração como ás suas vocações lusitanas. O que falta é chamar por eles!».

★ ★ ★

Na cerimonia da cravação do primeiro rebite do novo contra-torpedeiro «Tejo», o sr. ministro da Marinha proferiu um discurso que a Imprensa resume assim:

«O sr. comandante Mesquita Guimarães pronunciou então um breve discurso, no qual afirmou que o dr. Oliveira Salazar não podendo assistir, o encarregara de agradecer em seu nome aos operarios as suas saudações. Acrescentou que o chefe do Governo lhe pedira que repetisse as palavras que já uma vez proferira: para a obra de reconstrução nacional conta com a colaboração indispensavel da massa operaria.

Continuando, o ministro disse que se hão de repetir outras festas de trabalho, como aquela, hoje para a Marinha de Guerra, amanhã para a Marinha Mercante, e sempre, afinal, para o bem do País e dos seus operarios.

O sr. comandante Mesquita Guimarães acrescentou que, para isso, basta que cada um cumpra o seu dever, e terminou com um «viva» ao operariado português, que foi secundado por outros ao Governo.»

★ ★ ★

Pediu a demissão a comissão distrital da União Nacional de Coimbra.

★ ★ ★

O sr. dr. Vasco Borges enviou ao presidente do directorio do P. R. P. a seguinte carta:

«Sem obrigação de o fazer, venho contudo comunicar a V. Ex.ª que, por a minha inteligencia e a minha sensibilidade me dizerem que nenhuma eficiencia podem ter na vida da Nação as antigas organizações partidarias, e ainda porque acima de tudo sou português e republicano, retomo a minha completa liberdade politica».

★ ★ ★

O «Jornal do Comercio e das Colonias» escreve com o titulo «Portugal»:

«Coisa milagrosa, clara luz iluminando trevas como um farol de noite em pleno temporal, houve já uma nação no mundo que, na furia e na loucura universal, e apesar de assaltos rudes, tem conseguido, guiada por um Homem, colocar-se á frente de quasi todas na suprema tentativa de resolver o problema de morte em que todas se debatem e se enervam! Somos nós! E' Portugal! Oito anos de caminho, oito anos de experiencia e de realização! A maré de sangue não conseguiu passar a fronteira portuguesa, salpicos em 7 de fevereiro 927, em 26 de agosto 932, em 18 de janeiro 1934, salpicos de sangue apenas, cada vez menos visiveis.

Odios que decrescem, ambições que se contentam, um povo que pouco a pouco serena e cai na ordem, uma disciplina facil que não tem ares de prisão, um grau de existencia que longe dos grandes luxos representa contudo aquilo que é suficiente para que a vida do homem não seja amarga e mesquinha, pão para toda a gente, uma larga tolerancia até para inimigos... Inimigos, que o são, mas que atacam frouxamente porque sentem o absurdo do assalto a uma situação de bom ritmo que agrada a toda a gente... O orgulho sadio de nos sabermos admirados, aplaudidos, invejados por outros. Lutas intestinas resolvidas tão habilmente e com tão minguado escandalo que apenas se são mencionadas nas colunas, avidas de sensações, da Imprensa estrangeira!

Canto de sossego no grande desassossego do mundo, Portugal é uma das poucas nações que levantam bem alto no ar um facho resplendente que não alumia ruinas, um facho que espalha luz sobre um dos mais belos, dos mais extraordinarios exemplos de ordem, de trabalho, de esforço disciplinado, de boa vontade e de patriotismo que ha 26 anos para cá, desde a grande hecatombe de 14 e 18, têm honrado e dignificado o mundo varrido de crimes, de odios e de epilepsia!».

A GARRETT
ás 5 — chá concerto

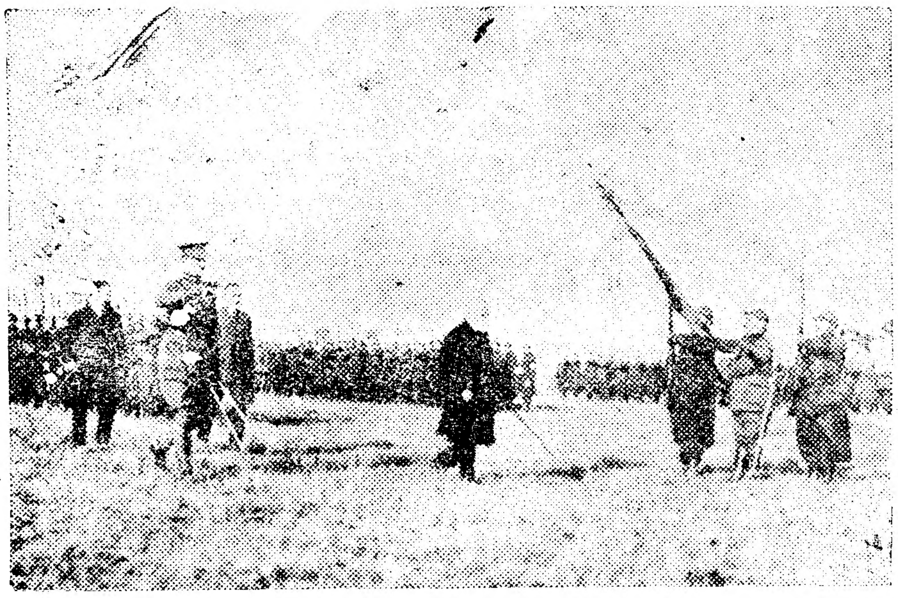
No TIVOLI: ULTIMAS EXIBIÇÕES de
Fra Diávolo
Amanhã: estreia dum filme notavel:
"UM AMOR QUE NÃO MORREU"
com Norma Shearer e Fredric March

ULTIMO DOMINGO no SÃO LUIZ
do grande filme
TOUREIRO A' FORÇA
e do grande bailarino JOHN BUX

A MORTE TRAGICA D

O soberano caiu duma

fracturando o cranio en



Uma visita do rei Alberto á frente portuguesa durante a guerra, na companhia do dr. Bernardino Machado

(Continuação da 1.ª pagina)

biu ao trono, prestando juramento constitucinonal a 23 desse mês.

Nos cinco anos que antecederam a guerra, o rei Alberto I, o mais democrata dos soberanos, amigo do povo, estudioso, com a paixão colonial e um sentido moderno da vida, austero e resguardado de grandesas, a que nunca se votou—embrenhou-se nos complicados problemas europeus, que nunca o surpreenderam, como noutro lugar dizemos.

O «ultimatum» de 2 de agosto de 1914 deu ao soberano belga um novo aspecto, não como soldado, que fôra sempre, mas como condutor de um povo sacrificado.

A 3 de novembro de 1901, em Bruxelas, nasceu o primogenito Leopoldo Filipe Carlos Alberto Huberto Maria Miguel, duque de Brabante, descendente por linha materna e paterna da casa real de Bragança de Portugal.

Muito criança—tinha 13 anos—comparticipou dos duros trabalhos da guerra, depois de ter sido conduzido para Inglaterra, donde regressou a breve trecho.

Tambem ele visitou o Congo belga, tambem ele foi contaminado da paixão colonial, que corria no sangue de seu pai, de seu tio-avô, Leopoldo II.

Em novembro de 1926 o hoje rei Leopoldo III casou, por amor mais que por conveniencias politicas, com a princesa Astrid, sobrinha do rei da Suecia. Este casamento agradou ao povo da Belgica, que recebeu triunfalmente os noivos.

Deste casamento existem já dois filhos. A Belgica tem já principe herdeiro.

A rainha, hoje viuva, Izabel, que nasceu em 1876, era filha da infanta de Portugal D. Maria José e do duque Carlos Teodoro da Baviera. Do seu casamento com o principe Alberto, depois rei, agora falecido, nasceram:

Leopoldo III, actual rei, pela morte de seu pai, que nasceu, como dissemos, a 3 de outubro de 1900.

A rainha Izabel da Belgica
viuva do rei Alberto

A 10 de outubro de 1903 nasceu o principe Carlos, filho segundo.

A 4 de agosto de 1906 nasceu a princesa Maria José, que casou ha poucos anos com o principe Huberto, herdeiro do trono de Italia.

A acção do soberano durante a guerra

Pode dizer-se que foi a personalidade moral do rei, agora falecido, que decidiu dos destinos do mundo. Esse ficará sendo, perante a admiração dos contemporaneos e os juizos da historia, o seu titulo de gloria e a sua corôa de martirio.

Quando, em agosto de 1914, os exercitos alemães invadiram a Belgica, o homem que dirigia os destinos desta nação não tinha a mais pequena duvida sobre a sorte que esperava os seus heroicos compatriotas. Esse destino encontrava-se ha muito regulado pelo plano estrategico do estado maior alemão. O plano von Schlieffen, de 1898, que previa a incursão da Belgica, como condição indispensavel de exito, fôra adoptado quasi integralmente pelo sucessor daquele tactico, o general von Moltke.

Em outubro de 1913, o imperador da Alemanha nomeou o rei dos belgas oficial do 2.º regimento de Dragões, aquartelado em Luneville. Mandava a tradição que um dos primeiros actos do nomeado devia ser a inspecção ás forças da unidade para que fôra escolhido; por isso o rei Alberto seguiu para a Alemanha, desembarcando em Hamburgo. Ai teve uma larga entrevista com Alberto Ballin, amigo intimo do kaiser, que logo o preveniu de que iria encontrar o imperador muito mudado.

Depois da cerimonia tradicional da revista ao 2.º regimento de Dragões, o rei Alberto, que, propositadamente, não se fazia acompanhar pela rainha, visitou o imperador em Potsdam. Nos dias 5 e 6 de novembro de 1913, Guilherme II quis deslumbrar o seu hospede com jantares e recepções. No segundo jantar que lhe ofereceram, o monarca belga, que se sentava ao lado da imperatriz, apresentava já, ao contrario dos seus habitos, uma fisionomia preocupada. Os convidados viram, com espanto, que, mal o jantar terminou, ele se dirigiu ao general Moltke, chefe de estado maior, com quem entabulou uma conversação animada.

O rei Alberto viajava incognito. Hospedara-se no hotel Adlon dando o nome do conde de Rethy. Assim que se viu livre das cerimonias oficiais, procurou encontrar-se, longe de espias e de indiscreções, com o seu representante oficial, o barão de Beyens, a quem comunicou noticias importantissimas.

O kaiser conversara com ele, largamente, informando-o de que a guerra era inevitavel por virtude da atitude belicosa da França. Debalde o monarca belga procurara convencê-lo do contrario; Guilherme II insistia nos seus pontos de vista, acrescentando que a superioridade esmagadora dos alemães resolveria depressa o conflito.

Von Moltke, na conversa a que aludimos, não fizera mais do que repetir as palavras do seu soberano. A guerra contra a França, afirmara-lhe o chefe do Estado maior alemão, despertaria um entusiasmo louco, e nada poderia resistir ao *furor tentonicus*.

O rei dos belgas ficou alarmado, outro não podia ser tambem o estado de espirito do ministro a quem ele faz tão sensacionais revelações.

Nas ruas sossegadas do Thiergarten Boyens fez ao seu rei uma proposta. Era necessario comunicar esses factos imediatamente á França. Nenhum compromisso diplomatico impedia que isso se fizesse. O rei reflectiu e acabou por dar o seu aplauso á sugestão do diplomata. Prosseguiu, como nada se tivesse passado, nas suas visitas a museus e familias das suas relações.

Mas quando embarcou, de volta á patria, no *expresso* de Colonia, debruçou-se ainda da janela do vagon para dizer ao seu representante oficial:

—Não se esqueça de prevenir o embaixador da França. Vá procurar imediatamente o sr. Cambon.

Foi assim que a Europa soube da guerra que se preparava.

Em Berlim respirava-se a guerra; as revelações do kaiser, logo comunicadas aos governos da Entente, indicavam que o imperador apoiava a corrente belicosa do seu exercito.

A rainha Astrid da Belgica
princesa da Suecia

As revelações posteriores do adido militar belga em Berlim, sr. de Melotte, não fizeram senão confirmar as suposições formuladas. Por isso o rei não ignorava a sorte que esperava á sua patria, quando a guerra se tornou inevitavel.

Foi num domingo, a 2 de agosto de 1914, que o embaixador alemão em Bruxelas, sr. Saleske, entregou ao ministro dos Negocios Estrangeiros da Belgica, sr. Davignon, o «ultimatum» alemão. A Alemanha, no dizer desse documento, devia prevenir-se contra um ataque francês iminente. O chefe do govelno belga, de Broqueville, deu imediatamente conhecimento desse documento ao seu rei. A's nove horas da noite, o Conselho de ministros estava reunido com o monarca e os chefes do Exercito. Dada a gravidade das circunstancias, o rei envergara a sua farda de generalissimo.

Foi ele que interrogou os ministros e generais presentes, verificando uma sintomatica e perfeita unanimidade de opiniões. A Belgica resolvia repelir o «ultimatum» germanico, numa nota que ficará constituindo a gloria imperecivel do seu rei:

«A Belgica, diz esse documento, conservou-se sempre fiel ás suas obrigações internacionais. O atentado contra a sua independencia, com que a ameaçam, é uma violação do direito das gentes. Se aceitasse esse «ultimatum», a Belgica sacrificaria a sua honra, traindo os seus deveres perante a Europa. Por isso mesmo, o governo belga está disposto a repelir, por todos os meios, qualquer ataque á sua dignidade de nação livre».

O Conselho que aprovou, por unanimidade, este documento, terminou ás duas horas da madrugada de 3 de agosto. O rei, asseguram-no todos os presentes, dera uma lição admiravel de firmesa e de integridade moral, e a Belgica, com ele, preferia o martirio á infamia.

A 4 de agosto, perante o parlamento, o rei Alberto proferiu um discurso eloquente e energico dando conta dos acontecimentos, declarando que a patria estava em perigo e que ela saberia defender a sua independencia. No meio dum entusiasmo delirante, o sr. Broqueville completou as declarações do monarca com as palavras historicas:

«Um país que defende a sua independencia pode ser vencido; mas ninguem o submeterá».

Eram 11 horas e meia do dia 4 de agosto quando a sessão do parlamento terminou, tendo o rei nomeado Vandervelde ministro; duas horas depois recebiam-se, em Bruxelas, as primeiras comunicações oficiais de que a Belgica estava sendo invadida pelos exercitos germanicos.

As informações de 1913 encontravam assim a sua tragica confirmação.

Sabe-se o que aconteceu depois. A intervenção britanica, em consequencia da violação da neutralidade belga, e a heroica resistencia das tropas cujo comando superior o rei Alberto imediatamente assumiu.

De acôrdo com o plano Schlieffen-Moltke, um milhão de alemães, comandados por von Kluk, invadiu a Belgica. Em 4 de agosto iniciava-se a invasão; em 7, os alemães tomavam Liége, em 20 Bruxelas e em 25 Namur. O rei e os seus soldados retiraram-se para Antuerpia. Mas, no fim desse tragico mês de agosto, os belgas tinham apenas uma faixa estreita da sua terra, junto ao mar, e as terras do norte da França encontravam-se abertas aos invasores.

Começou, então, para o rei Alberto e para o seu povo a grande epopeia do martirio que só terminou com a conclusão do armisticio. Foi ele o chefe dedicado, heroico até ao sacrificio, que nunca abandonou as tropas que comandava e soube, pelo exemplo dado, conquistar para os aliados os factores materiais e morais da vitoria.

Resistindo heroicamente sobre o Ypres, aí o puderam conhecer e admirar alguns dos maiores espiritos do nosso tempo, entre eles Pierre Loti que durante algum tempo representou junto dele a França sacrificada.

Tendo transportado para Houthem, na região das dunas, o seu quartel general, o rei Alberto recebeu pela primeira vez, em 12 de abril de 1915, a visita do presidente da Republica francesa. Tinha, então, sessenta mil homens sob o seu comando; mas a fé na vitoria final era um dos sinais caracteristicos da sua confiança inabalavel e da sua disposição para resistir a todas as provações.

No dia em que se completou o primeiro aniversario da invasão alemã, em 4 de agosto de 1915, o kaiser fez um discurso proclamando que nenhuma responsabildade lhe cabia na guerra. O rei dos belgas comentou-o, com estas palavras sobrias, que são bem o retrato da sua personalidade moral:

«Quem se desculpa não tem a consciencia tranquila. Um juiz que ouvisse o acusado afirmar tão frequentemente a sua inocencia seria imediatamente levado a condena-lo».

Em La Panne a rainha Izabel, com os dois principes e a princesa Maria José, realisava a sua obra de assistencia aos soldados.

Em 21 de maio de 1916, a França, querendo significar-lhe o seu agradecimento e a sua admiração, condecorou a soberana belga com a Cruz de Guerra, sendo esta cerimonia uma das que mais profundamente sensibilizou o falecido rei.

E' depois dela que os soberanos bel-

REI DOS BELGAS

ltura de doze metros

cima dos rochedos

passaram a visitar frequentemen- «front» franco-britanico, bem as cidades de Paris e Londres, panhando dedicadamente as ope- es.

rante todo o ano de 1917 um dos alhos essenciais do rei foi o de lizar a manobra do principe Six- e Bourbon Parma que, valendo-se ua situação junto da casa real , procurava abrir as negociações um entendimento que pratica- se equivaleria á derrota dos alia-

fevereiro de 1918 o rei visitou a e italiana, sendo um dos mais sos auxiliares da efectivação rincipio do comando unico, su- inando-se, bem como as suas s, ás ordens do marechal Foch quem todos viam a salvação co-

compensando este espirito de sa- cio, os franceses logo que se con- o armisticio convidaram-no pa- ma viagem oficial a Paris, onde ecebido por Poincaré e Clemen-

sa viagem, verdadeiramente triun- omeçou em 5 de dezembro de 1918, o frequentemente recordada pelo rano da Belgica com um dos actos importantes da sua vida.

ela que decidiu da aliança fran- elga e da solidariedade estreita que s da guerra tem inalteravelmente o as duas nações.

Os reis da Belgica em Lisboa

2 de novembro de 1920, vindos do l, onde estiveram em visita oficial, ram a Lisboa a bordo do coura- brasileiro "S. Paulo„ o rei Alberto, nha Maria José e o principe Leo- , duque de Brabante, hoje rei.

recepção no nosso país revestiu-se aracter oficial. O couraçado "S. „ foi escoltado, desde a barra, pe- destroyers» "Douro„ e "Guadiana„. Terreiro do Paço os soberanos s foram esperados pelo presidente epublica, dr. Antonio José de Al- ; presidente do Senado, general ia Barreto, presidente do minis- dr. Antonio Granjo e pela Camara cipal. Desde bordo acompanhava Alberto o ministro dos Estrangei- r. Melo Barreto.

ve recepção no palacio da Ajuda, s almoço intimo no palacio de , no qual tomaram parte tambem s. almirante Canto e Castro, dr. rdino Machado e general Norton tos.

ei entregou ao dr. Antonio José de da a grã-cruz de Leopoldo da Bel- No brinde o rei Alberto disse:

Bebo pela prosperidade do povo guês e pelo progresso da sua civi- o em Africa e em Portugal.

lizou-se uma festa militar no Hi- mo de Belem, durante a qual o al- te Canto e Castro entregou ao rei to a grã-cruz da Torre e Espada. inha Izabel e o principe Leopoldo am á noite para o "S. Paulo", iram viagem por mar.

ei Alberto, acompanhado pelo mi- da Guerra, Helder Ribeiro, tomou boio na estação do Rossio, seguin- m ele o ministro dos Estrangeiros elo Barreto. Na fronteira franco- hola seguiu de avião para Bruxe-

ante a sua curta estada em Portu- rainha Izabel falou português, lin- e seus maiores.

audiencia concedida s jornalistas portugueses

ndo os jornalistas portugueses ram a Belgica, em 1930, o rei Al- dignou-se conceder-lhes uma ncia, que foi sem duvida um diplomatico para o dr. Augusto astro, então ministro de Portu- n Bruxelas. O soberano partia no guinte para Liege e não era cos- a menos de vinte e quatro ho- luma viagem, conceder audien- O facto foi tanto mais invulgar o é certo que os jornalistas eram vinte, o que até certo ponto transgredia o protocolo da côrte, e havia pouco tempo que grupos de jornalistas italianos e alemães tinham procurado ser recebidos pelo rei, sem o conseguirem.

Bruxelas festejava o dia da Ascensão. A cidade estava embandeirada e grupos alegres percorriam as ruas, folgando e cantando.

Acompanhados pelo dr. Augusto de Castro, os jornalistas portugueses subiram a ampla escadaria do palacio real e foram introduzidos numa sala simples, despida de moveis e sobria de decorações. Dali a pouco abriu-se uma porta e o rei Alberto, envergando o uniforme de oficial, entrou com simplicidade, sem se fazer anunciar, e dirigiu-se ao nosso ministro, que fez as apresentações. O rei falou a todos. Teve para cada jornalista uma frase amavel. E demorou-se mais tempo a conversar com Cristovão Aires, que era o chefe da missão, com o padre Miguel de Oliveira, das *Novidades*, e com o redactor do *Diario de Lisboa*. Recordamo-lo agora, na sua farda

O rei Leopoldo III
que sucede no trono a seu pai

cinzenta de campanha, simples e amavel, quasi timido, as mãos cruzadas num gesto que lhe era familiar, os olhos baixos, dum azul glauco, vendo através das lunetas que corrigiam a sua miopia. Mais do que a sua grande estatura, as suas maneiras simples, quasi familiares, e a simpatia que irradiava do seu olhar impunham respeito.

Ouvimos-lhe então palavras da maior cordealidade para as relações luso-belgas e notámos uma viva preocupação do soberano pelas questões coloniais, que o apaixonavam, e sobretudo pela vizinhança dos dois paises em Africa.

Foi essa tendencia do seu espirito que o levou a demorar-se mais tempo em conversa com o redactor do *Diario de Lisboa*, que no ano anterior assistira á inauguração do caminho de ferro do Lobito á fronteira belga. O rei Alberto quis saber a nossa opinião acêrca dos progressos que notaramos no Congo Belga e das relações que o extenso dominio mantinha com a nossa provincia de Angola.

—Precisamos não nos esquecer, disse ele, de que temos no continente africano dois mil e quinhentos quilometros de fronteira comum. Dos nossos esforços conjugados depende o desenvolvimento economico de Africa.

Evocou depois os feitos e as tradições maritimas dos portugueses e disse:

—Portugal ensinou o mundo a navegar. Os vossos navegadores foram os primeiros a chegar a toda a parte O Brasil é um alto padrão colonizador e a lingua portuguesa é uma das mais faladas em todo o mundo.

O rei dos belgas acompanhado pelo dr. Antonio José de Almeida na sua passagem por Lisboa

A audiencia revestiu-se duma grande cordealidade, que cativou vivamente os jornalistas e que parecia não interessar menos ao soberano. Foi assim que se prolongou durante vinte minutos e que no Estadio de Bruxelas, onde havia uma grande reunião desportiva, aguardaram cêrca de meia hora a chegada do rei, que costumava ser sempre pontual.

O rei Alberto recordou a sua passagem pelo nosso país, no regresso do Brasil, evocando a personalidade ilustre do falecido presidente da Republica, dr. Antonio José de Almeida.

—Lisboa, disse, é uma das cidades mais belas que tenho visto.

A audiencia revestia-se dum grande interesse para nós, que estavamos encantados com o acolhimento que o rei nos dispensara.

O soberano, para lhe pôr um fecho, acabou por declarar, ainda com um requinte de amabilidade, que só não prolongava a audiencia porque, sabendo como era vasto o programa que os jornalistas tinham de cumprir, não desejava demorá-los mais tempo.

E despediu-se de todos, com o mesmo aperto de mão vigoroso e amavel com que nos recebera.

As primeiras noticias acêrca do desastre

BRUXELAS, 18.—O rei Alberto foi encontrado morto, no fundo duma ribanceira, nos montes das Ardennes, proximo de Namur.

O soberano partira ontem á noite, na companhia dum dos seus camaristas, para um passeio de automovel, conduzindo ele proprio o carro. Passado muito tempo, como não regressasse ao palacio, partiram varios carros á procura do soberano. Cêrca das duas horas da madrugada, o corpo do rei Alberto foi encontrado numa ribanceira, em Marché-les-Dames, perto de Namur, com o cranio fracturado.

Ignoram-se as circunstancias em que se deu o desastre.—(Havas).

A noticia oficial

BRUXELAS, 18.—O conde de Patonal, marechal da côrte belga, transmitiu á Imprensa o seguinte comunicado:

«O corpo do rei dos belgas foi transportado ás 3 e 30 da madrugada para o castelo de Laaken, com a assistencia de todos os ministros, que vieram prestar homenagem ao defunto soberano. O principe Leopoldo, que se encontra na Suiça, foi imediatamente prevenido, devendo chegar esta noite a Bruxelas. O principe Carlos deve chegar dum momento para o outro de Ostende.

O Conselho de ministros reuniu-se esta madrugada, mas as decisões que foram tomadas não serão conhecidas senão depois do regresso do principe Leopoldo».—(Havas).

Uma proclamação ao Exercito

BRUXELAS, 18.—O ministro da Defesa Nacional transmitiu uma nota ao Exercito belga, que diz o seguinte:

«Uma horrorosa desgraça veio encher e cobrir de luto a nação belga. E' com a maior magua que vos informo que o vosso chefe, sua majestade o rei Alberto I, faleceu vitima dum acidente em Marché-les-Dames. A rainha pode contar com o respeito, gratidão, confiança e dedicação sem limites que todos os oficiais, sargentos e soldados votavam ao seu rei. O Exercito chorará o seu chefe supremo, cuja bravura magnifica e indomavel energia pôs ao serviço da Patria em horas tragicas.» —(Havas).

Pormenores do desastre

BRUXELAS, 18.—Das primeiras noticias que vieram a publico depreendia-se que o rei Alberto falecera vitima dum acidente de automovel. Sabe-se agora, porém, que o soberano dos belgas foi vitima dum desastre quando praticava alpinismo.

O rei Alberto era um apaixonado do alpinismo, desporte que praticava com entusiasmo, efectuando por vezes ascensões dificeis, nos Apeninos, nos Dolomitas e em varios cumes do monte Blanco.

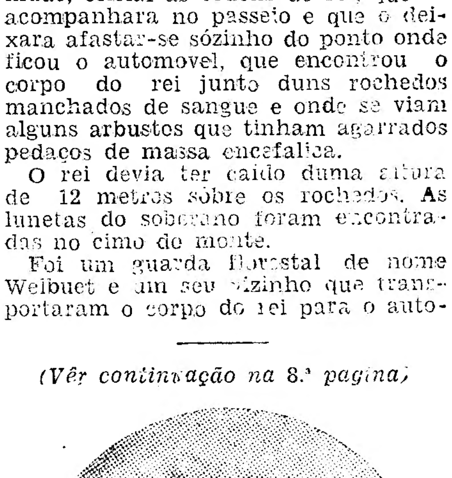
Ultimamente dedicava-se com certa insistencia ás assensões nas montanhas belgas, formadas de grandes rochedos, como por exemplo a rocha conhecida pelo nome de Sport. Mas como o alpinismo nas montanhas rochosas exige grande treino, os alpinistas belgas vão treinar-se em geral ás Ardennes. O rei dava-lhes o exemplo e foi numa dessas ascensões que encontrou a morte, nas vizinhanças de Marché-les-Dames, proximo de Namur. Os rochedos que constituem a região montanhosa das Ardennes são de natureza calcarea e o terreno é naturalmente falso, faltando por vezes o ponto de apoio, o que tem originado varios desastres, como o que provavelmente vitimou o rei.

Ao contrario do que chegou a correr, que o corpo do soberano fôra encontrado por um dos seus criados no rio Mosa, foi o barão Jacques de Dixmude, oficial ás ordens do rei, que o acompanhara no passeio e que o deixara afastar-se sózinho do ponto onde ficou o automovel, que encontrou o corpo do rei junto duns rochedos manchados de sangue e onde se viam alguns arbustos que tinham agarrados pedaços de massa encefalica.

O rei devia ter caido duma altura de 12 metros sôbre os rochedos. As lunetas do soberano foram encontradas no cimo do monte.

Foi um guarda florestal de nome Weibuet e um seu vizinho que transportaram o corpo do rei para o auto-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)



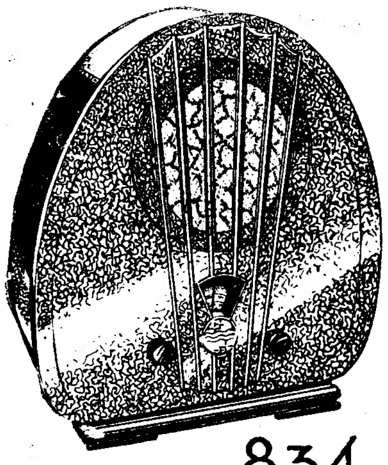
O sorriso do rei Alberto

Radiodifusão Nacional

CT1GL

SELECTIVIDADE

No presente momento em que a selectividade nos postos receptores é a principal preocupação do radiofilo é oportuno informar que PHILIPS garante para o seu aparelho

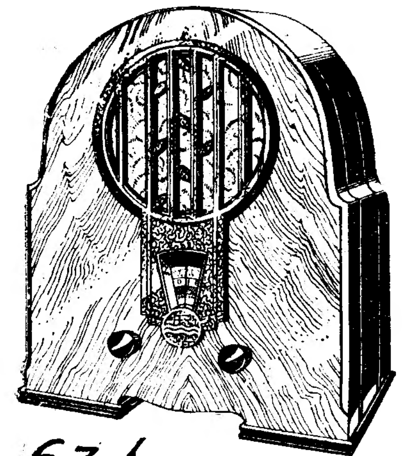


834

tipo 834 a selectividade de 9 kcs. para os postos distantes tipo "Standard" de 50 mW. (convenção internacional) e o espaço correspondente a 5 canais de 9 kcs. para as mesmas estações nas proximidades do local de recepção. Este tipo pode ser ainda equipado com um selector que permite reduzir a intensidade de recepção dum emissor local, a tal ponto que se torna possivel escutar estações distantes sem interferencia das proximas.

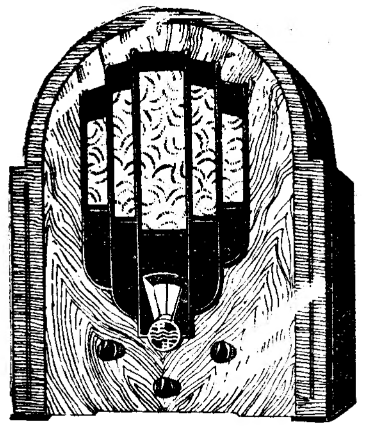
PHILIPS garante ainda

para os receptores tipos 634 e 636 a selectividade de 7 kcs. seja qual fôr a distancia em que se encontra o emissor.



634

ANTES DE ADQUIRIR O VOSSO RECEPTOR PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

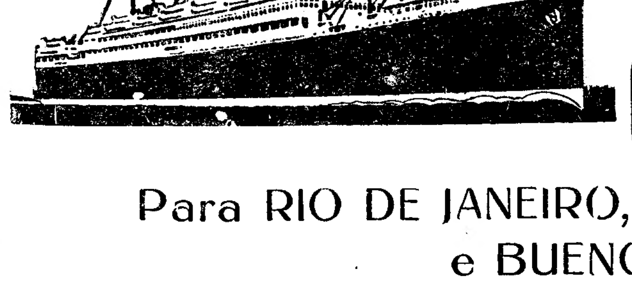


636

SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUESA

Avenida da Liberdade, 3, 1.º
LISBOA

Rua da Paz, 22
PORTO



Mala Real Inglesa
(Royal Mail Lines, Limited)

Para RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU e BUENOS AIRES

ARLANZA (**) .... 27 de Fevereiro
ASTURIAS (*) .... 13 de Março
(*) Toca em Madeira e Baía.
(**) Toca em Madeira, S. Vicente, Pernambuco e Baía.

HIGHLAND BRIGADE .... 21 de Fevereiro
HIGHLAND PATRIOT .... 7 de Março
Tocam em Las Palmas e Pernambuco.

Para o Norte

Para Vigo e Southampton
ASTURIAS .... 24 de Fevereiro
AGENTES PARA PASSAGENS E CARGA
James Rawes & C.º
Rua Bernardino Costa, 47, 1.º
Telefones: 2 3232—2 3233—2 3234

Para Vigo, Boulogne e Londres
HIGHLAND MONARCH .... 25 de Fevereiro
AGENTES PARA PASSAGENS E CARGA
E. Pinto Basto & C.ª, L.da
Avenida 24 de Julho, 1, 1.º
Telefones: 2 6001 (4 linhas)

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«O Ai-Jesus» e «Auto da Boca do Inferno».
Politeama—A's 21 e ás 23—«Paga e não bufes...».
Avenida—A's 21 e 30—«O Tavares Rico».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«O Rei dos Fadistas».

CINEMAS

São Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21.
Palacio—A's 21 e 1..
Odéon—A's 21 e 15.
Chiado Terrasse—A's 21 e 30.
Royal-Cine—A's 21.
Capitolio—A's 21—Cinema.
Olimpia—Das 14 e 45 ás 24.
Belgica—R. da Beneficencia-Doming. 2.as, 5.as
Salão Ideal—Das 18 ás 24.
Promotora—L. 20 de Abril, ao Calvario.
Paris-Cinema—R. Domingos Sequeira.
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara.

Café-Restaurante «Chic»

Almoços e jantares a carta. Preços de concorrencia. Serviço primoroso. «Chic» — Restauradores 20.

OS ENCANTOS DO ALGARVE

Outra excursão ao Algarve por 50$00 promovida pela C. P. em comboio especial, no domingo 25 do corrente

Tendo-se esgotado a lotação do comboio especial a Portimão, o que mostra o interêsse do publico pelo Algarve, resolveu a C. P. fazer outro comboio áquela provincia, desta vez a Faro, no dia 25 do corrente, ao mesmo preço de 50$00 em 3.ª classe.

Partida do Terreiro do Paço ás 6 e 55, regressando a Lisboa depois da meia noite.

Magnifica ocasião para visitar a linda capital do Algarve e seus arredores.

Lotação limitada. A inscrição está aberta no Escritorio de Informações da Estação do Rossio, 1.º andar.

SAMPAIO & RODRIGUES

SUCESSOR

Declara ter despedido em 14 do corrente o seu empregado Francisco Ferreira Dias.

AVISO

A Companhia dos Marmores de Sousa Baptista tem a satisfação de comunicar aos seus amigos e clientes que mudou o seu escritorio da rua Augusta, 138, 2.º, para a

Praça do Municipio, 29 e 30

onde espera continuar a receber as suas prezadas ordens. Telef. 2 7613.

MOVEIS OLAIO
R. DA ATALAIA
LISBOA

Francês, inglês ou alemão em 8 lições

Envia-se a 1.ª lição sem obrigação de pagamento a quem a requisitar a Imprensa Lucas. R. Diario de Noticias, 61, Lisboa. Telef. 2 1469.

TINTURARIA ALCANTARENSE

Tinge e limpa toda a qualidade de vestuario a preços baratos.
R. DE ALCANTARA, 19 TELEF. BL. 243

Predio

Optimo emprego de capital

Vende-se proximo ao **Instituto Superior Tecnico,** por 255 contos, **8 inquilinos,** todo alugado. **Rendimento 25.440$00.** (Rendas baixas). **Sisa 1 %.** Isento de contribuição predial até 1940. **Electrico á porta.** Trata o proprio. Rua Alves Torgo, J. M. (em frente do n.º 234.)

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Mundanismo

Aniversario

Fazem amanhã anos as sr.as:

Viscondessa de Paço da Nespereira, D. Maria Amelia Ramalho Ortigão de Melo, D. Eugenia de Avilez Soares Cardoso, D. Maria da Piedade de Castelo Branco (Belas), D. Maria Izabel de Mendóça Cirne, D. Maria Luiza Anjos Diniz, D. Maria Domingas de Mascarenhas de Mendonça e Silva, D. Maria de Calheiros de Casal Ribeiro, D. Maria Leonor Correia de Freitas Torres, D. Maria das Dores Pereira Rodrigues e D. Julieta Vasques de Monforte e Silva.

Baile da Pinhata

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa sociedade elegante realiza-se esta noite, na residencia do sr. Godofredo Costa Campos, rua da Fabrica das Sedas, n.º 9, rez-do-chão, esquerdo, um grandioso baile, cujos bilhetes de admisão se requisitam para essa morada.

Pelo grande numero de convites distribuidos, é de prever que a noite de hoje nessa residencia seja revestida de extraordinario brilhantismo e animação.

Basket-ball

Campeonato de Lisboa

Nos jogos que hoje se realizaram, verificaram-se os seguintes resultados:

Lisboa Gimnasio venceu Lisbonense, em Honra, por 9-4.

Internacional venceu Portugal e Colonias, em Honra, por 17-3; perdeu, em Reservas, por 17-4; em segundas por falta de comparencia e em terceiras por 19 4.

Rio Sêco bateu Os Treze, em Reservas, por 15-0; em terceiras por 5-4 e foi batido em segundas por 20-3.

Lusitano venceu Gimnasio Clube por 25-8, em Reservas, e 23 0 em segundas.

Handball

Para o torneio de iniciação, o Belenenses venceu o Lisbonenses por 11-1. Para a taça «Preparação», o Sporting venceu o Academico, por 3-0.

Maria Vitoria

Hoje — Duas Sessões — 8,45 e 10,45 h.

Ultimas Representações de

O REI DOS FADISTAS

Quinta-feira, 22

Primeira representação do «vaudeville»

Venha a nós!

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

«Paga e não bufes», em cena no Politeama, foi ampliada com 14 quadros, continuando a representar-se em duas sessões.

— A actriz Teresa Gomes termina hoje, amigavelmente, o seu contrato no Maria Vitoria, reaparecendo brevemente numa companhia de revistas.

— Recolheu ontem a uma casa de saude o conhecido cabeleireiro teatral Victor Manuel, que será amanhã operado.

— Chegam amanhã á noite a Lisboa, vindos do Porto, os artistas da companhia Luiza Satanela, que na proxima sexta-feira reaparece no Trindade, com a primeira representação da revista «Porto á vista!»

— A peça de estreia da nova companhia do Variedades é um «vaudeville» adaptado por três conhecidos escritores de uma obra espanhola, que está ainda em cena em Madrid.

— No «vaudeville» «Venha a nós!», que a companhia Hortense Luz estreia na quinta-feira, no Maria Vitoria, reaparece a actriz Amelia Pereira.

— Está já completamente organizado o elenco da companhia de revistas, que na proxima primavera irá trabalhar no teatro Republica, do Rio de Janeirulo e em S. Paulo.

— Procede-se á organização de um negocio teatral para estrear brevemente no Carlos Alberto do Porto.

— Entraram em ensaios, no teatro Nacional, as peças «Mademoiselle» e «Serpente», que serão desempenhadas por dois grupos distintos de artistas da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

— Madame Ruth Aswia, a grande bailarina alemã que se encontra entre nós, dará brevemente um recital de dansa no teatro Nacional, acompanhada pelas suas discipulas.

— Na proxima quarta feira representa-se, no teatro Nacional, em récita popular, a celebre peça «Aquela noite».

— Devido ao seu grande agrado, foi prorrogado o contrato aos bailarinos portugueses Blac et Vital, que se encontram trabalhando no Julio das Farturas.

— No proximo mez de maio irão ao Rio de Janeiro dois emprezarios portugueses, um dos quais para assistir á representação, naquela cidade, de uma peça da sua autoria.

Está já firmado o contrato que permitirá em breve a exibição, em Lisboa, de um filme sonorizado em português e realizado em Portugal.

— O actor Rafael Marques fez uma proposta á empresa do Gimnasio para a realização de uma serie de espectaculos de comedia.

— Reabriu com espectaculos de cinema o antigo Teatro Casino de Setubal.

— Completou ontem três meses a actual temporada da companhia Maria Matos no Avenida, em que subiram á cena apenas duas peças: «O Senhor Professor» e «O Tavares Rico».

— Projecta-se construir no Porto mais um grande teatro, para o que já está formado o grupo de capitalistas que constituirá a empreza proprietaria.

— Encerra amanhã as suas portas o teatro Sa da Bandeira do Porto, que só reabrirá na proxima sexta-feira, com a companhia Maria das Neves, que se estreia com a revista «Arraial».

— Regressou ontem do Porto, onde esteve apenas algumas horas, a actriz Beatriz Costa.

"A Canção de Lisboa"

A Tobis Portuguesa, tendo em atenção, por um lado, os pedidos que lhe têm sido dirigidos por alguns exibidores e diversas outras pessoas, e, por outro, as circunstancias especiais em que tem sido feita a exploração de "A Canção de Lisboa" e que não podiam prever-se no momento da sua apresentação, resolveu autorisar a reexibição deste filme, em Lisboa, antes de findo o praso da exclusividade marcado ao cinema S. Luiz.

Politeama

Todas as noites: Duas Sessões

A's 9 horas e 11 horas da noite

A revista de **João Bastos**

Paga e não bufes...

em 2 actos e 14 quadros

Preços populares

Ciclismo

A prova de ciclo-cross foi ganha por Felipe Damaso de Melo

Realiza-se esta manhã a primeira das corridas de ciclo-cross que o Sport Lisboa e Benfica organiza, neste principio de temporada. A prova despertou bastante entusiasmo e levou ao campo do Estadio, e a diversos pontos do percurso, um publico regularmente numeroso. Foi disputada com animação e deu ensejo á luta movimentada entre corredores novos e dois ou três largamente experimentados.

A vitoria pendeu para um corredor do Grupo Sportivo de Carcavelos e coube, portanto, a este clube a conquista da taça «Alfredo Luiz Piedade», instituida pelo club organizador. A classificação por equipes deu o primeiro lugar ao Sport Lisboa e Benfica.

A classificação geral foi como segue:

1.º Felipe Damaso de Melo (Carcavelos), 34 m.; 2.º Anibal Firmino da Silva (Carcavelos), 34 m. 30 s.; 3.º Artur Dias Maia (Benfica); 4.º Armando Pinto Brandão (Rio de Janeiro); 5.º José Marçal Loureiro (Benfica); 6.º Guilherme de Almeida (Benfica); 7.º Julio Gonçalves (Benfica); 8.º José Jorge (Benfica); 9.º Americo Alves Vieira; 10.º Pascoal do Carmo (Parede); 11.º João Gomes I (Benfica); 12.º Ladislau Parreira (Sporting); 13.º João Silva (Benfica); 14.º Mario de Almeida (Benfica); 15.º Antonio Ferreira (Sporting); 16.º José de Oliveira Fonte (Benfica).

Duarte Faria, do Gimnasio, que cortou a meta em 3.º lugar, e Manuel Dias I, do Benfica, foram desclassificados, por não concluirem o percurso. Registaram-se três desistencias, de Antonio Martins de Almeida, Manuel Ferreira dos Santos e Manuel Ventim.

UMA PASTILHA VALDA na bocca é um resguardo contra as dôres de Garganta, Constipações, Rouquidão, Defluxos, Bronchites, etc. é o bom remedio para combater todas as molestias do Peito.

Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias EM LATAS com o nome VALDA

Representante H. REYNAUD LISBOA

Buick

AMANHÃ E DIAS SEGUINTES

Exposição dos novos modelos

1934

8 CILINDROS EM LINHA

COM OS ULTIMOS APERFEIÇOAMENTOS ENTRE OS QUAIS FIGURAM:

ACÇÃO "ROTULAR" DAS RODAS

Novos travões de vacuo tipo servo freio

Selector octane

Arranque inteiramente automatico

Estabilizador do chassis

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida
AVENIDA DA LIBERDADE, 214, 218
LISBOA

Cunhas & Almeida, Ltd.a
AVENIDA DOS ALIADOS, 81
PORTO

O Chefe do Estado inaugurou
as instalações
do Radio Club Português

Realizou-se esta tarde, na Parede, a inauguração oficial das instalações do Radio Club Português.

Compareceram o chefe do Estado, os srs. ministros do Interior e da Guerra, representantes doutros membros do governo, o presidente da Camara Municipal de Lisboa, o governador militar, o presidente da Camara de Cascais, numerosas entidades militares e civis, centenas de socios e muitas senhoras.

O sr. general Carmona e os ministros foram recebidos pelos srs. capitão Botelho Moniz, dr. Boto de Carvalho, Lima Basto e Serrano, em nome do Radio Club Português, cujas instalações foram demoradamente visitadas pelo sr. Presidente da Republica.

Num gabinete ao lado da sala de concertos, o sr. dr. Boto de Carvalho, quando se procedia á assinatura do livro de honra, pediu que fosse o sr. general Carmona quem colocasse ao peito do capitão sr. Botelho Moniz o emblema em ouro e pedras preciosas que o sr. João Anjos ofereceu.

O chefe do Estado pôs, depois o posto a trabalhar, utilizando uma pequena alavanca do aparelho transmissor.

A's 15 e 30, o sr. general Carmona colocou-se ante o microfone. E, saudado com muitas palmas, começou por felicitar o sr. capitão Jorge Botelho Moniz e os outros dirigentes do Radio Club Português, pela sua obra. Enalteceu as qualidades de inteligencia, de caracter e de p triotismo, dizendo calcular qual era a sua alegria, ao vêr realizada uma aspiração de tão grande alcance.

Disse que a Radio Club Português ficará como mais uma grande obra deste periodo de reconstrução nacional, demonstrando as altissimas vantagens de possuirmos uma estação emissora que leve a voz de Portugal não só ás ilhas adjacentes e ás colonias, mas a todos os paises estrangeiros onde trabalham milhões de portugueses.

Terminou, desejando que Radio Club Português marque uma «étape» brilhantissima na historia do nosso progresso.

Falaram, depois, os srs. Jorge Botelho Moniz, dr. Boto de Carvalho, general Viriato da Fonseca, tenente Antonio Cardoso, presidente da Camara de Cascais e comandante Pires da Rocha, director dos Serviços Radiotelegraficos da Armada.

Dollfuss vai demitir-se
em consequencia dos tumultos?

BERLIM, 18.—Alguns jornais prevêem a breve demissão de Dollfuss, que seria substituido pelo major Fey. Parte da Imprensa diz que o chanceler sabia perfeitamente que os sociais democratas estavam armados e que preparavam um golpe de Estado. A cumplicidade ou a fraquesa do chanceler torna-se patente quando os cristãos sociais foram propôr aos sociais democratas uma coligação contra os "Heimwehren", logo que estes começaram a fazer pressão sobre o govêrno. Dias depois matavam-lhes as mulheres e os filhos a tiros de canhão.

O "Berliner Tageblat" classifica de loucura a sugestão de Berenger para a ocupação de Viena por um exercito internacional. Acrescenta que são estas e outras ideias da mesma natureza que põem o Mundo na situação de panico em que se encontra.—(Americana).

Declarações de chanceler

VIENA, 18.—O chanceler Dollfuss, falando dos ultimos acontecimentos, declarou que a ultima semana «foi a mais triste de sua vida, mas que se consolava, porém, de saber que o seu apêlo fôra ouvido e escutado».

Declarou que espera poder em breve levantar o estado de sitio. Referindo-se ao numero de vitimas, disse que as noticias vindas a publico foram exageradas, por isso que os mortos eram em numero de 241 e os feridos de 648.—(Havas).

Blac et Vital, o grande exito no Julio das Farturas

Continuam em pleno exito os bailarinos excentricos portugueses Blac et Vital, cujos numeros são todas as noites aplaudidissimos no Julio das Farturas, o grande salão de festas do Parque Mayer.

Todas as noites, além de Blac Vital, ha cinema, baile e sorteio de valiosas suspresas.

AS CIRCUNSTANCIAS TRAGICAS
em que ocorreu
a morte do rei dos belgas

(Continuação da pagina central)

movel, que tomou imediatamente a direcção de Bruxelas.—(Havas).

No local do desastre

BRUXELAS, 18.—Confirma-se que a morte do rei foi devida a uma queda que lhe produziu fractura de cranio, quando pretendia escalar um rochedo ingreme.

A estrada que vai de Namur a Marché-les-Dames tem dum lado o Mosa e do outro uma corôa de rochedos de formação delomitica e com um aspecto de ruinas.

Ontem á tarde, o soberano, ao chegar a um lugar conhecido pelo nome de «Le Vient Bon Dieu», quis escalar um rochedo, a 50 metros da estrada. de suprficie concava. Supõe-se que se apoiou sôbre uma pedra já quebrada pelo gelo, que cedeu debaixo de seus pés, rolando num precipicio entre dois rochedos e caíndo sôbre o cranio. O corpo só foi encontrado ás duas da manhã, apresentando poucas equimoses. A massa encefalica saía-lhe por uma ferida. Segundo informa o representante da agencia Havas, que assistiu á reconstituição do desastre, o soberano deixara o automovel na estrada, ficando dentro dele o camarista que o acompanhava, barão Jacques de Dixmude. Foi ele que deu o alarme, quando viu que o rei se demorava. O rei ia frequentes vezes á região das Ardennes, vizitando com frequencia o castelo do barão Carton de Wiart, que fica situado na margem do Mosa e em frente do local onde se deu o desastre.—(Havas)

A princesa Maria José
recebe a noticia

ROMA, 18.—A noticia da morte do rei Alberto foi comunicada á princesa Maria José, filha do falecido soberano belga e esposa do principe do Piemonte, com a maxima cautela, visto recear-se que a princesa sofresse uma comoção demasiado forte ao ser informada do fim tragico de seu pai, tanto mais que se encontra em estado adiantado de gravidês.

Afirma-se, porém, que a princesa, apesar do seu estado, irá a Bruxelas assistir ao funeral. Contudo, ainda não ha confirmação oficial desta noticia.

A côrte italiana não tomou ainda qualquer decisão, ignorando-se igualmente se o rei de Italia irá pessoalmente a Bruxelas ou se se fará representar por seu filho, o principe Humberto.—(Havas).

Como recebeu a noticia
o principe herdeiro

EDELWEISS, 18.—O principe herdeiro da Belgica encontrava-se no Hotel com sua esposa, a princesa Astrid da Suecia, tendo recolhido cêdo. Pelas 4 horas da madrugada de hoje o porteiro do hotel recebeu um telegrama para o principe, e quando se dispunha a subir, o telefone retinia para uma chamada urgente de Bruxelas.

O principe Leopoldo esteve ao telefone uns cinco minutos, retirando-se depois impressionadissimo, mas dominando a sua comoção. Ordenou imediatamente os preparativos da viagem, com grande coragem moral, e antes das 5 da manhã saia, acompanhado pela princesa Astrid, ambos alheios a tudo quanto se passava em redor.—(United Press).

A comoção em Anvers

ANVERS, 18.—A noticia da morte do rei Alberto tornou-se conhecida logo de manhã nesta cidade, onde causou a maior comoção. O burgo-mestre reuniu com urgencia a municipalidade, resolvendo que todos os teatros se conservem fechados.

Já não se realizará o cortejo que devia percorrer esta noite as ruas da cidade. A's 10 horas ouvem-se todos os sinos das igrejas. Todos os edificios publicos e navios ancorados no porto conservam a bandeira a meia haste.—(Havas)).

A impressão em Paris

PARIS, 18.—A noticia da morte do rei Alberto da Belgica não chegou a ser publicada pelos jornais da manhã, tornando-se apenas conhecida depois do meio dia.

As primeiras edições dos jornais que anunciavam a morte do rei Alberto esgotaram-se rapidamente. Todos os edificios publicos de Paris conservam a bandeira a meia haste, em sinal de sentimento.

O transito está interrompido nas proximidades da embaixada da Belgica, onde afluem constantemente as pessoas que vão apresentar condolencias ao embaixador.

As circunstancias em que o soberano belga encontrou a morte vieram ainda agravar a emoção que a noticia causou em toda a população parisiense. Nenhum monarca era tão estimado pelos franceses como esse chefe dum pequeno reino, que se tornou grande depois da resistencia heroica dos belgas durante a guerra. Depois do armisticio, o rei-soldado ficou sempre, —não só um aliado, mas um amigo leal e verdadeiro da França.—(Havas).

Algumas palavras de Petain

PARIS, 18.—Ao ter conhecimento da morte do rei Alberto, o marechal Petain, ministro da Guerra, declarou o seguinte:

«Causou-me profunda magoa a morte do rei dos belgas. Perco nele um amigo e avalio bem a dôr de todo o povo belga. Associo-me de todo o coração á dôr da rainha, sua augusta esposa. Pela sua grandeza de alma, pela sua nobre figura de cavaleiro, o rei Alberto deixará na Historia a lembrança de um «grande rei».—(Havsa).

As condolencias de Portugal

O sr. Presidente da Republica, logo que teve conhecimento da morte do rei Alberto, telegrafou á rainha Isabel, expressando-lhe, em seu nome e no da nação portuguesa, o profundo sentimento pela morte do rei.

Pouco depois o sr. Barreto da Cruz foi á legação da Belgica apresentar ao respectivo ministro as condolencias do Chefe do Estado português.

Pelas 14 horas chegou á legação da Belgica o sr. dr. Caeiro da Mata, que apresentou, ao sr. conde de Liechterveld, as condolencias do govêrno português.

Com o mesmo fim estiveram na legação o sr. tenente Assis Gonçalves, em nome do chefe do govêrno, representante dos outros ministros e diversas entidades oficiais.

Do Corpo Diplomatico compareceram o embaixador do Brasil, um representante do embaixador inglês, ministros plenipotenciarios, etc.

A legação da Belgica apresenta desde as 8 horas a bandeira a meia haste.

Comentarios alemães
aos tumultos de Paris

BERLIM, 18.—Os jornais noticiam que entre os estrangeiros que vão ser expulsos da França, por terem tomado parte nas desordens de Paris, se contam alguns comunistas foragidos do Reich. O numero de emigrados alemães presos em Paris—dizem—é elevado. Declaram tambem que a Alemanha vê com desprazer que esses elementos tenham concorrido para a alteração da ordem no país vizinho, onde foram bem acolhidos, onde desenvolveram uma intensa propaganda contra o seu país e onde—afirmam—foram ajudados com dinheiro. Acrescentam que, ante a firmeza do govêrno de Hitler, a campanha anti-alemã perdeu o impeto e a direcção.

Por isso—escreve o "Frankfurter Zeitung"—os emigrados, para não desperdiçarem o seu tempo, resolveram concorrer para a destruição do país hospitaleiro. O facto—conclui aquele jornal—mostra bem a necessidade de se pacificar a Europa politicamente.—(Americana).

O ministro do Comercio
visitou hoje Alcacer
onde fez varias declarações

ALCACER, 18.—(Pelo telefone).—O ministro do Comercio sr. Sebastião Ramires, acompanhado do seu secretario, da comissão reguladora do arroz, do governador civil de Setubal sr. dr. Mario do Cais Esteves, visitou hoje esta vila.

O sr. ministro do Comercio visitou primeiro a fabrica de descasque do arroz, em Setubal, pretencente á Sociedade Industrial de Lavradores do Sado.

Nesta cidade a tranquilidade é absoluta, depois dos acontecimentos de ontem.

A dois quilometros de Alcacer o sr. engenheiro Sebastião Ramires era esperado pelo presidente da Camara, administrador do concelho e por muitos automoveis com lavradores da região. A' chegada a Alcacer, dirigiram-se todos para o edificio da Camara, onde a guarda de honra era feita por uma força de bombeiros.

No salão nobre da Camara realizou-se a sessão solene apresentando o sr. Adriano Tavares Mora saudações ao sr. ministro do Comercio, e fazendo o elogio da obra da ditadura e do sr. engenheiro Sebastião Ramires a quem se deve a solução do problema do arroz. Por este motico todos devem dar ao governo o seu apoio que é necessario para a defesa da nação e da ordem.

O orador terminou convidando o sr. engenheiro Sebastião Ramires a descerrar o retrato do sr. dr. Oliveira Salazar, enquanto uma banda de musica executava o hino «Vanguarda». O sr. Correia Junior, presidente da Associação Comercial de Alcacer, agradeceu ao ministro a solução de varios assuntos indispensavel para o desenvolvimento e progresso do concelho.

O sr. Libertino Martins demonstrou a gratidão da lavoura de Alcacer pelo recente decreto que favoreceu a cultura do arroz.

O orador referiu-se ainda ao problema da cortiça que está sendo prejudicado pela desorganização dos mercados.

Falaram ainda os srs. dr. Emilio Infante, Henrique Pereira, Mario Mendonça, que saudaram o sr. ministro do Comercio.

O sr. Portugal Branco leu um telegrama de saudação aos Nacionais-sindicalistas.

O sr. ministro do Comercio, disse que estamos assistindo a coisas novas em Portugal e que os homens do Estado Novo esperam confiadamente o progresso da nação, estabelecendo a harmonia entre todos os portugueses.

E acrescentou:

«Todos somos homens livres, mas a liberdade é não só o respeito pelas ideias de cada um, mas tambem o respeito pelo bem geral».

«Nós desejamos tambem arrancar a erva daninha que arruina o país. Hoje temos uma força, uma doutrina e um chefe».

A's 14 e 30, está-se a realizar, na sala do Tribunal, um almoço de 150 talheres, oferecido ao sr. engenheiro Sebastião Ramires.

Intoxicação de operarios

Na «garage» Auto-Patria, na rua Carvalho Araujo, cinco operarios que estavam a afinar um motor de camioneta, sofreram um principio de intoxicação, devido ás emanações do oleo e da gasolina.

São eles: Antonio Fernando dos Santos, de 42 anos, «chauffeur», proprietario da camioneta; Mario Rodrigues da Silva, de 43, serralheiro; Manuel David, 19, «chauffeur»; Joaquim Soares Silva, 53, pintor, e Belmiro Dias Meira, 25, pintor.

Depois de tratados recolheram a casa, á excepção do ultimo, que ficou na sala de observações.

O aviador Carlos Bleck
começa ámanhã a sua viagem

Segundo noticias recebidas hoje, as condições atmosfericas no norte de Africa são já satisfatorias. Por esse motivo, o aviador civil Carlos Blek partirá amanhã, ás 7 horas, do campo da Granja do Marquez, em Sintra, começando assim a sua viagem aerea a India.

Morte dum armador famoso

NOVA YORK, 18.—Morreu o famoso armador Charles Flint, cuja fortuna era uma das maiores dos Estados Unidos. Foi ele quem forneceu e equipou os navios de que se serviram os revolucionarios brasileiros de 1899, para destronarem o imperador e proclamarem a Republica.—(Americana).

Ler na 2.ª pagina
o relato desenvolvido dos desafios de "foot-ball" que hoje se realizaram

MAXIM'S Hoje, á noite BAILE MASCARAS Orquestra Portugal — Variedades